

Vale a pena correr o risco? Patologias da dependência

Is it worth taking the risk? Pathologies of dependence

*Regina Celi Bastos Lima**

Resumo: Este trabalho faz parte de uma trilogia de casos clínicos com diagnóstico de autismo, que compreendo como “patologias da dependência”. O bebê, ao nascer, necessita que alguém, no mundo, seja seu anfitrião, que cuide dele, acolha seu gesto, estabelecendo as condições adequadas ao acontecer humano. As rupturas ocorridas na interação mãe-bebê, nos primórdios da vida psíquica, interrompem o processo de amadurecimento do bebê. São apresentadas algumas hipóteses teóricas sobre as catástrofes ocorridas no início da vida de um ser humano e suas consequências, assim como sobre o manejo peculiar na clínica.

Palavras-chave: Patologias da dependência, autismo, encontro, esperança.

Abstract: *This paper is part of a trilogy about clinical cases with diagnosis of autism, which I understand as “pathologies of dependence”. The baby, when born, needs someone to be his guest, to take care of him, to welcome his gestures, establishing the adequate conditions for him to become a real human being. The ruptures which occur at the very beginning of (the psychic) life in the interaction mother-baby interrupt the growing process of the baby. Some theoretical hypothesis about the catastrophes happened at the beginning of life of a human being and their consequences are introduced in the paper, as well as a peculiar deal in the clinic.*

Keywords: *Pathologies of dependence, autism, meeting, hope.*

* Psicóloga, Psicanalista, Membro Efetivo/CPRJ.

Ter nascido me estragou a saúde (Clarice Lispector).

I. Reflexões teóricas

Lembrando Freud de 1930, formulo a pergunta: – “O que o ser humano quer e espera da vida?” Certamente ele responderia: – “Quer ser feliz e assim permanecer”. Eu me faço constantemente esta pergunta tentando compreender, principalmente na clínica, o que cada paciente me revela. E, então, hoje eu responderia que antes, bem antes de ser feliz, o ser humano aspira tornar-se humano.

A origem do indivíduo, para Freud, se desenvolve a partir de um estado inorgânico, do qual se origina cada indivíduo e ao qual todo indivíduo retorna. Com base neste pressuposto, Freud formulou sua idéia das pulsões de vida e de morte. Para ele, o dualismo das forças pulsionais põe em marcha a vida e constitui o psiquismo – a vida deriva da satisfação pulsional. Essas idéias serviram como ponto de partida para Winnicott refletir e discorrer sobre o acontecer humano. Para ele, como estudioso da natureza humana, o que está em jogo é a possibilidade de fruição da criatividade inata primária e, neste sentido, a vida não deriva da satisfação pulsional. Winnicott vai traduzir esta terminologia, enfatizando o encontro humano e, desta forma, desloca o eixo da origem do psiquismo das pulsões, para uma origem que prioriza os acontecimentos psíquicos configurados no encontro mãe-bebê. Ele vai estabelecer um contraponto à concepção de Freud do dualismo pulsional, trazendo a idéia de “pulsão criativa” como inerente ao fato de viver. Jurandir Costa (2007, p. 80) contribui para essa idéia no seu livro *O risco de cada um*, ao fazer questionamentos sobre a concepção do desamparo em Freud: “O ego freudiano temia, sobretudo, a própria morte; o *self* winnicottiano teme, sobretudo, o silêncio da imaginação criativa”. E acrescenta: “O primeiro motor do psiquismo infantil não é a falta, é o movimento da vida nas dimensões da agressividade e da criatividade...”. Estas idéias irão sendo contempladas durante este trabalho, mas o assunto levantado necessita de um aprofundamento que não é o objetivo no momento.

Voltando a Winnicott, compreendo que ele vai desenvolver sua teoria sobre o início da vida a partir do ponto de vista do indivíduo, considerando como fundamental suas experiências de vida. Para ele, “o indivíduo emerge não do inorgânico, mas de um estado de não-estar-vivo para o de viver a experiência de solidão originária” (1971, p. 155). Essa experiência é inerente à condição humana e sua evolução vai se configurar num núcleo, núcleo sagrado, encerrado no absoluto de si mesmo. Esse estado surge antes do reconhecimen-

to da dependência, também absoluta, de um outro ser humano. No começo da vida nada pode faltar à criança. A criança depende totalmente da condição de um ambiente, em prover aquilo de que ela necessita, para se iludir e criar a mãe e o mundo.

Como será esse encontro?

A mãe, nesse momento primordial, no seu papel ontológico, cria um ambiente de confiabilidade absoluta e – com sua “presença sem ruídos” – coloca o bebê na condição de estar vivo para viver a solidão essencial. Gilberto Safra postula que “estar no silêncio, na quietude, favorece o surgimento de um estado de abertura de sentidos, de fecundidade, que é um lugar” (2005, p. 113). A partir daí, deste lugar fundamental, constituído e constituinte do núcleo originário, sagrado, que citei acima, algo se anima e se orienta na busca de um outro para além de si.

Este processo vivido aponta para a inauguração do bebê humano no mundo. Funda-se um ser, que se nutre na apercepção e, a partir daí, inicia uma crescente sensação e percepção da dependência. Neste trânsito, “a continuidade de ser” significa saúde. Durante todo o tempo a mãe garante a vivência destas experiências e as conquistas do bebê.

Colocando uma lente winnicottiana nos meandros deste encontro, vemos, por um lado, a mãe viva, sensível que se identifica com seu bebê numa adaptação extrema às suas necessidades. Por outro lado, um bebê com crescente tensão, preparando-se para encontrar algo em algum lugar. No momento certo, a mãe oferece o seio e, então, um relacionamento excitado se inicia. Amparado num fundo de tranquilidade, criado pela mãe, o bebê pode seguir “sendo”, com a ilusão de que o seio – e aquilo que o seio significa – foram criados pelo impulso originado na sua necessidade. Aqui, o ser humano se encontra na posição de estar criando o mundo. Neste estado de ilusão, viver a experiência de onipotência é quase como um fato da experiência.

Para Honigsztejn, nesse momento o bebê vive um estado de “loucura sã” e,

...enraizado em sua mãe, pela presença em si da vivência de tê-la criado, vai pelo mundo com seu impulso à integração não-oprimido, não-projetado, e isso o conectará com o que é seu e com o mundo, do qual se aproximará com a confiança de quem sente uma relação íntima com os homens e a natureza (HONIGSZTEJN, 2008, p. 91).

Dessa intimidade com a mãe emerge o objeto subjetivo. Fenômeno emblemático da união mãe-bebê, que possibilita ao bebê viver a ilusão de conceber o mundo como sua morada e, portanto de poder habitá-lo. Mais tarde, no momento adequado, a mãe gradualmente vai permitindo que o bebê viva a desilusão e, desta forma, legitima a junção entre a ilusão e a desilusão, como possibilidade para que este assuma os riscos que o início da experiência do viver implica.

Nesta descrição do encontro humano é importante também destacar dois elementos fundamentais na metapsicologia de Winnicott: a agressividade e a criatividade. Jurandir Costa aprofunda estes conceitos ressaltando que:

A agressividade é a propriedade do corpo que corresponde a manifestação da própria vida biológica. A criança, por meio dela, se apropria dos objetos do mundo, a princípio sem poder avaliar as conseqüências da apropriação. A imaginação criativa ou “criatividade primária” é a capacidade psíquica que permite ao recém nascido dar sentido ao universo de suas experiências (COSTA, 2007, p. 77).

Nos primórdios da constituição do psiquismo, a vitalidade dos tecidos que se expressa pela força vital, subjacente a esses dois elementos, torna possível o movimento para vida. A criatividade e a agressividade (que no início é motilidade), embora sejam inatas, precisam do suporte dos cuidados maternos para se realizarem e fortalecerem a experiência de “continuidade de ser” no bebê. O bebê faz um movimento presentificando sua ação no mundo e, a mãe que está ali, com sua corporeidade, numa delicada oposição, acolhe seu gesto espontâneo e vai permitindo que ele descubra o mundo. Tudo no horizonte aparece como sentido. O bebê vai respondendo ao rosto, ao olhar, à voz, ao corpo da mãe. E a mãe vai transformando o sentido adequado das coisas para o seu bebê – “o calor não é calor, o aquecido é igual a amor; o frio é vivido como desamor” (SAFRA, 2005). Nessa condução ética o ato criativo emerge, marcando a singularidade do bebê.

O estabelecimento do ser e a continuidade de sua existência no tempo e no espaço, de forma única, singular e criativa, sustentam a travessia do humano na vida. Trata-se de um caminhar atravessado por elementos multifatoriais como: o fator biológico, o sócio-cultural e o transgeracional, citando apenas alguns, que colocam em movimento as vicissitudes do encontro humano.

Essa exposição da origem do ser humano, que tento resumir, consciente de não conseguir atingir toda a sua complexidade, só fará sentido se conside-

rarmos o fator mais determinante do desenvolvimento emocional: a *dependência*. Voltando ao cenário do início da vida, entendemos que a dependência não é reconhecida pelo bebê, mas é garantida por alguém. Assim o bebê pode dizer: – “Eu dependo, mas não sei que dependo e isso é repousante. Vivo um estado de paz, de não-integração”. Os elementos já mencionados, constituintes também do impulso à integração, estão aí, em harmonia, formando a base do *self*. Esta é a condição fundamental, segundo Winnicott, para que a tendência herdada, a mais importante herança dos seres humanos, possa seguir em direção à integração da personalidade.

Winnicott, em vários textos de sua teoria, afirma que nesse início, o processo que estabelece a existência de um *self* unitário tem como motor não a vida pulsional, mas sim o estar vivo, as potencialidades inatas e um meio ambiente facilitador. Coloca em foco a articulação entre *necessidades e dependência*. Para ele, essas necessidades “não estão confinadas às tensões instintivas”. Lejarraga (2008, p. 183) reafirma dizendo: “Já que são necessidades que dizem respeito ao desenvolvimento do eu – e não tensões do *id* –, o que está em jogo não são as gratificações eróticas ou frustrações, mas a própria constituição subjetiva, a possibilidade de ser ou o seu fracasso”.

E quando esses processos descritos são interrompidos por desencontros, dissonâncias, descontinuidades precoces ou rupturas?

Sustentada nessas reflexões teóricas, pensei em três pacientes, encaminhados para mim com suspeita de autismo. Apresentavam algo em comum que se destacava – a *incomunicabilidade*. Mantinham a “porta fechada” para não serem afetados pelo mundo e dia após dia repetiam o mesmo cerimonial, com seus rituais e suas estereotípias. E eu sempre me perguntava angustiada: - Onde estão? Como encontrá-los? Eles não querem ou não podem evocar um gesto, um olhar, uma palavra com sentido para alguém?

Esses pensamentos invadiam minha mente e me causavam diferentes sentimentos: medo, insegurança, perplexidade, mas ao mesmo tempo amor e um desejo enorme de ajudá-los a saírem *de lá*. Lá, onde a experiência de solidão essencial, propulsora do viver, foi gravemente perturbada, fundando não um núcleo sagrado, mas “demoníaco,” barrando, petrificando o fluir dos elementos constituintes de um ser com poder de criar o mundo. É aí, no núcleo demoníaco, que a força vital inata, um dos fatores mais importantes do impulso à integração e, conseqüentemente, da experiência de onipotência, não avança. Ela, então, é canalizada para fortalecer a barreira da incomunicabilidade, revelando uma desesperança em relação à dependência, instaurando, de fato, o terror do desamparo diante da impossibilidade de fluir em direção ao outro.

Gilberto Safra (CD-AUDIO 2008) expressa, em aula na PUC/SP, suas idéias sobre o modo de ser do humano, que me ajudaram a compreender as experiências que vivo com esses pacientes: "O organismo humano tem sua funcionalidade, mas também tem a capacidade de responder ao meio pela sensibilidade. Sensibilidade ao meio e ao outro. Não só pelos aspectos perceptivos. A percepção é mais complexa."

Diante desses pacientes percebo que, só aparentemente, a sensibilidade se desconecta frente ao outro e aos objetos, mas, na verdade, eles são tomados por intensas sensações que ficam concentradas em seus processos corporais. Instala-se, a partir daí, um hiperinvestimento sensorial que permanece subjacente a uma imobilidade corporal, constituída – talvez – pela força vital repressada. Parece, então, que não sentem a presença do outro, a vibração. Desta forma, não entram em contato, inviabilizando a possibilidade de emprestarem sentido ao mundo em que vivemos – o lado *de cá*.

Embarquei então numa viagem, determinada a resgatá-los deste terrível naufrágio – "navegar é preciso; viver não é preciso" (Pompeu, O Grande, 70 a.C.). Esperança e decepção se alternavam dentro de mim diariamente, mas - felizmente - resisti e entrei num jogo vital onde eu não podia falhar... De início ficava em silêncio, "silêncio junto", alerta a tudo que emanasse deles, ressonando o existente neles.

II. Caso escolhido para expor neste trabalho

"Um pouco da história de Marcos: O Terror do Contato".

Marcos tem 16 anos. Aos oito iniciou o tratamento. Frequentava uma escola de crianças especiais onde causava grandes transtornos ao funcionamento da instituição, pois, com frequência, inesperadamente, apresentava um comportamento autodestrutivo – corria a procura de uma parede, batendo fortemente a cabeça ou se mordida repetidamente, criando grandes feridas no corpo. Sua linguagem verbal era presente, mas não possuía valor de comunicação – só resmungava.

No *setting*, durante muito tempo, Marcos não irá suportar a menor aproximação corporal. Se por descuido eu o tocasse, ficava totalmente eriçado como se fosse dar um bote. Eu tinha que ficar imóvel e assim permanecer.

Um dia chegou, olhando na direção do som na sala de espera, e tive a sensação de que estava curioso. Fiquei tão "animada" que passei a mão na cabeça dele e falei sobre o rádio. Marcos correu para a sala de atendimento, começou

a se morder, tentou me agredir e voltou para a porta de saída. Desalentada, percebi que havia estragado aquele prenúncio de encontro. Muitas vezes ele saía porta a fora e então eu dizia para a mãe (que sempre demonstrava desapontamento e raiva) ou para a babá (que o acompanhava frequentemente), que tínhamos terminado o atendimento, pois Marcos precisava ir para casa e que iríamos nos encontrar na próxima sessão. Era muito angustiante viver esses momentos de pânico com Marcos, onde ele buscava machucar o seu corpo. Nas sessões seguintes eu não falava nada do que tinha acontecido.

Mais tarde, angustiada pelo seu isolamento, fiz algumas tentativas de comentar o que se passava e as emoções que nele ocorriam. Um dia eu disse: “Marcos, sei que você está aqui comigo, mas com muito medo de como eu vou tocar em você”. Por uns segundos ele me dirigiu um olhar, mas logo seus olhos fugiram dos meus, parecendo se proteger de um olhar que poderia penetrá-lo. E, a menor alteração no *setting*, voltava a “envelopar-se” na sua dor física, morrendo-se.

Na busca de interação fui percebendo, aos poucos, o ritmo mais adequado para fazer algum comentário. Marcos andava pela sala e freqüentemente falava muito, num tom bem baixo, imperceptível, continuamente - a entonação era de um lamento. Depressão e agressividade se alternavam. Às vezes, mexia na gaveta do material (que eu já lhe havia apresentado), tirando e colocando os objetos sem deter-se em nenhum. Havia na gaveta uma família feita de feltro, outros personagens, diversos animais de plástico, carros, casinha, mamadeira, massa plástica, lápis, *pilots* coloridos e folhas de papel. Eu acompanhava, empaticamente, seu gesto incipiente e percebi que seus olhos abriram mais, denotando interesse. Nesses momentos eu já podia sentar mais perto de Marcos.

Inicialmente, eu ficava em silêncio, observando seus movimentos, atenta a seus gestos e sons. Depois comecei a falar, ou a expressar, com o meu corpo ou gestos, o nome dos objetos, fazendo mímica do que eles representavam e emitindo sons onomatopéicos. Meu corpo respondia e emprestava sentido e voz aos seus movimentos e aos objetos. Gilberto Safra (CD-AUDIO 2008) vai chamar atenção para essa possibilidade de transporte do corpo, que é a base para a metáfora, portanto, uma faceta do imaginário. Agora eu procurava envolvê-lo com o tom de minha voz, com o meu corpo, desempenhando também uma função de holding, apresentando os objetos e, ao mesmo tempo, me colocando como receptáculo passivo para o depósito das sensações de Marcos, das imagens que por ventura surgissem e dos seus afetos. Essa atitude foi fundamental para o fluir do seu imaginário. Um dia Marcos retirou da gaveta um dinossauro e disse com voz bem audível: – “É o Tiranossauro Rex, ele destrói tudo.”

Os pais de Marcos me relatam que por muito tempo queriam um filho, mas a mãe não podia engravidar e, por insistência dela, resolveram adotar uma criança. Uma missão foi imputada ao bebê – salvar o casamento. Deparam-se com um bebê de um mês, desnutrido e cheio de feridas. O pai desde o primeiro dia compadece-se de Marcos e determina-se a curá-lo. A mãe nunca conseguiu identificar-se com “aquela coisa”, como me revelaria mais tarde.

O pai de Marcos é um homem rude, descendente de imigrantes, técnico em mecânica. A mãe é formada em letras, trabalha numa renomada empresa, fala quatro idiomas e demonstra uma educação refinada. Em função das grandes dificuldades da mãe em cuidar de Marcos nos seus primeiros anos de vida, os conflitos no casamento se agravaram, chegando a agressões verbais e físicas. Dois anos após Marcos ter iniciado a terapia o casal separa-se e a mãe se vê só, diante “daquela coisa”.

No período da separação intensifico as sessões, com a mãe e Marcos juntos, alternando, vez por outra, com o pai e Marcos. A mãe está assustada com o seu ódio. Ódio do pai e ódio do filho. Vive a dor da desesperança de seus projetos fantasmáticos. Ela e Marcos vivem por muito tempo “nas trevas”, como Marcos muitas vezes vai expressar. Marcos volta a se agredir e a agredir a mãe. A desesperança também me rondava.

Durante este tempo pude entender que Marcos viveu o “terror do contato”, agonia expressada na inapetência e nas feridas espalhadas em seu corpinho logo ao nascer. Esses sinais eram provavelmente a primeira reação a trágica experiência de descontinuidade vivida com a mãe biológica. Seu ego, demasiadamente imaturo e sem chance de apelar para a onipotência (instrumento que permite ao bebê colocar as experiências perturbadoras sob seu domínio), encarnava sua agonia no corpo. A essa reação foi acrescentado, precocemente, o elemento agressivo, não integrado, agravando suas atitudes autodestrutivas. Mais tarde essa atitude vai se repetir sempre que a mãe adotiva, eu ou o ambiente o invadia, reforçando nele a necessidade de fortalecer a barreira da incomunicabilidade.

No universo da transferência (na singularidade dessa clínica) eu tentava, através de uma experiência empática e de um manejo sensível, me adaptar ao ritmo de suas tensões e aos momentos de isolamento, ofertando-lhe uma sustentação egóica. Acredito que desta forma foi possível gerar confiabilidade, redirecionando sua força vital para um novo propósito – fluir no seu impulso à integração.

A partir da encarnação do Tiranossauro Rex, que reinou por muito tempo no cenário das sessões, houve a possibilidade de sair da imaginação restrita aos

seus processos corporais. Marcos inicia uma expansão imaginária, dentro e fora do *setting*, lidando melhor com as experiências que vive agora, significando as experiências passadas, evocando a esperança. Esse processo, vez por outra é invadido por grandes angústias, que se expressam por alucinações, de cunho persecutório (talvez pelo desenvolvimento ainda frágil da percepção de um dentro e de um fora). Por longo tempo, vai se interessar por objetos duros e pesados como pedras de diferentes minérios (como proteção contra invasores) e desenhar diariamente dinossauros em diferentes situações em seu habitat. Aos poucos, as figuras vão sofrendo transformações em direção à humanização. Surgem os monstros e os demônios que sempre queria levar para a mãe.

Marcos, atualmente, não entra em pânico com frequência. Mostra um alcance no seu imaginário, que lhe permite maior abertura de sentidos, significações e abstrações, delineando uma subjetividade singular, que se expressa simbolicamente através de seus desenhos. E é esse seu estilo de ser que produz ressonância na mãe. Surge nela uma admiração, prenúncio da possibilidade de um gesto amoroso.

Parece que se anuncia para Marcos e a mãe uma nova chance de encontro...

III. Considerações sobre o caso

As rupturas ocorridas na interação mãe-bebê, nos primórdios da vida psíquica de Marcos, interromperam seu processo de amadurecimento, colocando-o na mais terrível experiência humana - “o exílio do isolamento não criativo... onde a associação da morte à vivência da descontinuidade e ao silêncio da criatividade desloca o sentimento de desamparo *do medo da perda da vida para o medo da perda do sentido da vida*” (COSTA, 2007, p. 81).

Marcos inicia sua vida na fenda de uma ruptura. Uma vez perdida a continuidade de existência intra-uterina, vê-se jogado no fosso provocado pelos intervalos estendidos da descontinuidade. Seus pais biológicos o abandonaram, descontextualizando-o de sua história, de sua transgeracionalidade. A mãe adotiva, por sua vez, não pode segurá-lo, não pode se identificar com “aquela coisa”, consolidando com sua presença/ausência tantalizante uma situação “não humana”. Quando digo “não humana”, quero me referir ao estilhaçamento que acontece no *Ethos* humano dessas crianças, que vivem esse horror no início da vida. Fraturas éticas, estéticas e sagradas vão impossibilitá-las de entrar no mundo. Gilberto Safra (2004, p. 127) compreende *Ethos* “como as

condições fundamentais que possibilitam o ser humano morar, estar e constituir-se como habitante no mundo humano”.

A depressão latente, velada, da mãe de Marcos, talvez provocada pelo infortúnio de sua vida conjugal, a impediu de ir ao encontro de Marcos e atender a sua expectativa de que transformasse aquela agonia insuportável em uma experiência que pudesse vir a ter um sentido. Desta forma, Marcos não pode viver o repouso, o silêncio, o bem-estar da experiência do sagrado encerrada no núcleo de si mesmo. Esta condição estabeleceu o “não-ser”, levando-o a transformar seu potencial de força de vida (que para Winnicott é a fonte da agressividade) em uma fortaleza que o afastasse do lado *de cá* – a vida não vale a pena ser vivida.

Diante dessa situação traumática penso na questão do desamparo. Na introdução de *Inibições, sintomas e angústia* (FREUD, 1926, p. 100) encontrei citações de Freud que anunciavam a idéia que vou tentar expressar aqui sobre o desamparo. Freud assinala que as principais necessidades dão lugar a estímulos endógenos e exigem descarga. Observa que, em algumas condições, essa descarga “exige uma alteração do mundo externo (por exemplo, o suprimento de nutrição ou a proximidade do objeto sexual) que em fases iniciais o organismo humano é incapaz de alcançar”. Para que isto aconteça necessita-se de ajuda externa, que a criança atrai pelos seus gritos. Ele vai fazer referência à necessidade de “atrair a atenção de alguma personagem útil (que é, em geral, o próprio objeto desejado) para o anseio e aflição da criança”.

No artigo *Desamparo e vida* (LIMA, R. C. e PALHARES, M. C., 1999), as autoras refletem sobre o conceito de desamparo, destacando que, sem a possibilidade de viver o encontro marcado pela presença da mãe real, que paradoxalmente fornece ao bebê uma experiência de ilusão, o bebê fica desalojado do mundo do humano. Viver este paradoxo é a condição para a constituição do ser, pois legitima a junção entre a ilusão e a realidade como possibilidade de assumirmos os riscos que o início da experiência do viver implica: *a dependência absoluta do outro*.

No trabalho acima, acredito que as autoras construíram o embrião da compreensão, desenvolvida hoje por Jurandir Costa (2007, p. 79), a partir de uma reflexão sobre o termo desamparo em Freud, quando ele afirma que: “Os adultos, ao projetarem a própria impotência nas crianças, retiram delas a possibilidade de serem agressivas e criativas, fazendo com que experimentem o inelutável estado de dependência como estado de desamparo”. Marcos teve sua ação no mundo inibida e, sem a condição de criar, só lhe restou o “silêncio da imaginação criativa” e o isolamento protetor do lado *de lá*.

Mais uma vez vou citar Jurandir Costa que, com sua leitura de Winnicott, expande essa compreensão e me leva a refletir sobre o sofrimento que se instalou nos primórdios da vida psíquica de Marcos:

Todas as atribuições da existência não são tomadas, por Winnicott, como signo de irrupções pulsionais de desejos aprioristicamente descritos como fadados a incompletude ou sequer do estado de desamparo diante da morte ou do medo de morrer. Seu *parti pris* teórico, ou seja, a idéia darwiniana do ímpeto para o desenvolvimento, o levava a atribuir à descontinuidade na experiência da vida a função de móvel principal do conflito psíquico... O verdadeiro trauma, para Winnicott, não tinha origem na privação ou frustração de demandas pulsionais e sim na quebra da continuidade da vida produzida pela ausência prolongada dos cuidados maternos (COSTA, 2007, p. 79-80).

Costa vai enfatizar que o trauma, para Winnicott, era causado pela descontinuidade porque impedia a criança de ser criativa.

No universo “*necessidades/dependência*” Marcos encontrou-se com o nada, com o desamparo, ninguém ao alcance de seu gesto. Ele se deparou com as necessidades imperiosas de sua mãe adotiva, impossibilitada de se identificar com a sua vulnerabilidade. O gesto se esvanece e não pode criar o que não estava lá para ser criado. Seu impulso para vida é invertido e investido num isolamento não criativo, instaurando a *incomunicabilidade*. Marcos vai mostrar a violência de suas fraturas, de suas feridas na superfície de seu corpo que não encontrou acolhida numa tão necessitada maternagem. Encontrou apenas o vazio destruidor de sua existência. Marcos é apenas “aquela coisa”.

Hoje compreendo também que, além da incomunicabilidade para lidar com o mundo, esses pacientes elegem, de modo peculiar, um elemento sensorial que responde a qualquer ameaça de perigo do mundo externo. O tato foi o escolhido por Marcos. E a qualquer toque no seu corpo, na sua pele, ele reagia e, muitas vezes, entrava em pânico ferindo-se. Isto aponta para a extrema sensibilidade desses pacientes a tudo que emana dos objetos, dos animais e das emoções do outro humano. Paradoxalmente isso lhes causa imobilidade e uma indiscriminação sensorial do que é vivência interna ou externa, se a ameaça está fora ou dentro deles...

O corpo do ser humano sempre responde ao mundo em termos de sentido, mesmo – ou principalmente – as crianças que estão do lado *de lá*. Marcos,

por muito tempo, manteve a expressão de seu imaginário restrito ao corpo revelando o seu terror e, acredito, o seu ódio (o elemento agressivo desviado de uma vida criativa) nos desenhos de suas mordidas. Essa geografia, projetada na superfície de seu corpo, denotava os signos de seu ser e expressava um sentido que necessitava da compreensão de alguém, para que pudesse transformar-se e fluir no universo humano. Estes signos, construídos por um estofamento sensorial, traduziam suas aterrorizantes experiências. O fosso entre ele e o outro (mãe biológica, mãe adotiva, meio ambiente) era imenso. Marcos não pode desenvolver sua psique a partir de um enraizamento no corpo de sua mãe. A ausência corporal materna impossibilitou-o de viver, na mutualidade, experiências fundantes repetidas e continuadas. Esse corpo sem memória, marcado pela ausência do corpo do outro, impossibilitava registros (pela falta de experiências), não evocando sentidos e significados.

Essas rupturas causaram grande déficit na elaboração imaginativa de suas funções corporais, favorecendo o surgimento de uma psique que, impossibilitada de habitar seu próprio corpo, atacava destrutivamente e compulsivamente esse corpo com mordidas para, talvez, torná-lo vivo. O hiperinvestimento exercido marcou o corpo de Marcos, congelando a experiência maior do ser humano – o fluir da imaginação que nos possibilita lidar com os afetos e com a esperança.

Segundo Safra (2006, p. 60), Marcos seria um “espectral” que jamais teve alguém diante dele, que o inaugurasse como um humano. Marcos foi atingido na dimensão ética de seu ser e, pela repulsa ao contato com o outro e com o mundo, organizou a barreira, já citada anteriormente, colocando-se no mais terrível isolamento, perdendo a sua inserção entre os humanos, permanecendo no lado *de lá*. Marcos, ao descobrir o Tiranossauro Rex, viveu uma experiência de sacralidade. Eu tentava acompanhá-lo e encontrá-lo como uma representante da humanidade. Após termos vivido, por muito tempo no “*Jurassic Park*”, Marcos pode transfigurar as imagens obsessivamente repetidas e povoar de novos sentidos suas expressões. Marcos começou a descrever o que sentia do lado *de lá*: – “Eu sou um nada, uma maldição, e ela é uma demônia”. E mais tarde declarou: – “Eu prefiro mais o mundo dos animais, do que o dos humanos”.

Concluindo, penso que Marcos e eu, conseguimos nos encontrar e, a partir daí, formar uma “parceria humana” que inaugurou a esperança. Marcos hoje utiliza o universo sensorial, não mais para se proteger do contato ou de experiências aterrorizantes, mas sim para apreender o mundo, num movimento criativo. Marcos escolheu, principalmente, o desenho e a pintura para se ex-

pressar. E, com um estilo muito peculiar, vem desenvolvendo uma intensa produção criativa, iniciando desta forma sua contribuição ao mundo, “marcando” sua identidade do lado *de cá*.

Tramitação

Recebido em 21/07/2010

Aprovado em 10/08/2010

Regina Celi Bastos Lima

e-mail: reginacbl@hotmail.com

Referências

COSTA, Jurandir Freire. A noção psicanalítica de desamparo. In: _____. *O risco de cada um: e outros ensaios de psicanálise e cultura*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2007.

FREUD, Sigmund. (1920). *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

_____. (1926). *Inibições, sintomas e angústia*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (ESB, 20).

_____. (1930). *O mal estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (ESB, 21).

HONIGSZTEJN, Henrique. Criatividade e poder In: Winnicott, D. W. *Seminários cariocas*. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

LEJARRAGA, Ana Lila. Reflexões sobre a noção winnicottiana de necessidades egóicas. In: _____. _____. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

LIMA, Regina Celi; PALHARES, Maria do Carmo. Desamparo e vida. *Cadernos de Psicanálise – CPRJ*, ano 20, n. 12, p. 221-230, 1998.

_____. Ser o não-ser: eis a questão. *Cadernos de Psicanálise – CPRJ*, ano 14, n. 15, p.139-152, 2002.

LISPECTOR, Clarice. *Aprendendo a viver*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

PESSOA, Fernando. *Navegar é preciso*. Disponível em: <<http://www.secrel.com.br/Jpoesia/fpessoa05.html>>. Acesso em: 03 jul. 2008.

SAFRA, Gilberto. A experiência de lugar. In: Perdigão, Andréa B. *et al. Sobre o silêncio: entrevista com vários autores*. São Paulo: Pulso, 2005.

_____. O sofrimento humano e as fraturas éticas. In: _____. *A poética na clínica contemporânea*. São Paulo: Idéias & Letras, 2004.

_____. Dimensões simbólicas e modos de ser. In: _____. *Hermenêutica na situação clínica*. São Paulo: Edições Sobornost, 2006.

_____. *A condição humana, segundo Adélia Prado*. Aula ministrada na USP, 2005. DVD.

_____. *A psicologia clínica e o sofrimento humano*. Aula ministrada na USP, 2008. CD-mp3.

TUSTIN, Francis. *Autismo e psicose infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

WINNICOTT, Donald Woods. (1945). Desenvolvimento emocional primitivo. In: _____. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

_____. (1945). Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional. In: _____. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

_____. (1971). Um estágio primário do ser: os estágios pré-primitivos. In: _____. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. (1971). Elaboração imaginativa da função. In: _____. _____. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. (1971). Estados tranquilos e excitados. In: _____. _____. Rio de Janeiro: Imago, 1990.